

Oposição reduz crítica para

terça-feira, 16/8/88 □ 1º caderno □ 3

não pôr Sarney em risco

**Inácio Muzzi
e Dodora Guedes**

BRASÍLIA — A suspeita de que o governo Sarney está no último estágio de debilidade político-administrativa está levando as oposições a substituírem a crítica sistemática pela reação cautelosa ou até mesmo complacente. "Agora, a tarefa fundamental de todos os partidos, e o PDT se inclui nela, é levar o governo do presidente José Sarney até o final", diz o líder do PDT na Câmara, Brandão Monteiro, repetindo uma posição defendida pelo líder do PSDB no Senado, Fernando Henrique Cardoso. "Todos devemos torcer para que o governo se agüente até as eleições do ano que vem", diz o senador paulista.

A mudança de tática das oposições começou a ficar patente a partir do anúncio de que a inflação de julho fechara em 24%. A perspectiva de um processo hiperinflacionário com graves repercussões na estabilidade política do governo assustou as lideranças dos partidos que devem sua existência e possibilidade de sucesso à manutenção do regime democrático. Na semana passada, quando o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, ameaçou deixar o governo, gerando mais um fator de instabilidade para a política econômica, foram os parlamentares de oposição, antes sempre prontos a torpedear os ministros da Fazenda do governo, os primeiros a apelarem para sua permanência.

Golpe — "Nós devemos parar de pensar que quanto pior melhor. O Mailson é um profissional sério e faz o melhor que pode", disse na quarta-feira o deputado José Serra (PSDB-SP), num pronunciamento praticamente idêntico ao feito na oportunidade por ex-ministros e altos funcionários dos governos militares, como os deputados Delfim Netto (PDS-SP), Francisco Dornelles (PFL-MG) e o senador Roberto Campos (PDS-MT). Ao mesmo tempo o deputado César Maia (PDT-RJ) e o senador José Fogaça (PMDB-RS) defendiam a supressão do projeto constitucional da disposição transitória que anula os decretos leis não votados até a data da promulgação da Constituição, sob o argumento de que ninguém deseja asfixiar o governo.

O líder do PMDB no Senado, Ronan Tito, tem recomendado à sua bancada uma atenção especial à "frase sábia" do falecido senador Octávio Mangabeira (UDN-BA), "que comparava a democracia a uma plantinha frágil, da qual devemos cuidar com extremado zelo". O zelo, no caso, consiste, segundo o senador, em "poupar o governo de ações políticas que podem inviabilizá-lo e abrir brecha para uma manobra golpista".

Exceções — O PSDB, por seu lado, preocupa-se em evitar o "caos absoluto", conforme definição do presidente do partido, senador Mário Covas. O partido, segundo o parlamentar, está decidido a defender as instituições. "Ninguém vai investir na desestabilização, embora também não estejamos dispostos a deixar de contestar apenas para evitar o caos", diz o senador. O PSDB, no entanto, assim como o PDT, têm todo o interesse em garantir as eleições presidenciais de 1989.

O PCB também não tem interesse em contribuir para o desgaste do governo. Quem garante é o líder do partido na Constituinte, deputado Roberto Freire, um parlamentar traumatizado pela prática política clandestina, durante o período em que seu partido esteve fora da legalidade. "É importante respeitar a alternância do poder nos prazos fixados pela lei, senão abriremos possibilidade para um golpe, que se hoje ofende um governo do qual não gostamos, poderia no futuro se voltar contra nós", disse o parlamentar. A tese só não comove, por enquanto, a liderança do PT que discutiu o tema na reunião do diretório nacional ocorrida na semana passada. Segundo o deputado Paulo Delgado (PT-MG), o partido só tem compromisso com a conclusão da Constituinte, "que por si só garante a transição".